

INVENTANDO COVAS - PRÁTICAS DE SEPULTAMENTO NUMA VILA CATÓLICA MARCADA PELA PRESENÇA PROTESTANTE, 1819 - 1824

Inventing Graves - Burial Practices in a Catholic village marked by the Protestant presence, 1819 - 1824

Ronald de Oliveira¹

UNIRIO: <https://orcid.org/0000-0002-5302-5215>

DOI: [10.21680/1982-1662.2020v3n29ID17988](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n29ID17988)

Resumo

Em 1819, proveniente da política de imigração imperial, assentou-se na vila de São João Batista de Nova Friburgo nos Sertões do Leste Fluminense, imigrantes suíços de origem majoritariamente católica com minoria *evangélico-reformadas* acompanhados pelo padre Jacob Joyer. O objetivo deste texto é analisar o livro de óbitos da vila entre os anos de 1819 a 1824 e seus desdobramentos no que compete aos ritos fúnebres evangélico/reformados. Veremos que eles não estavam previstos pelo projeto imigrantista, mas suas covas e enterramentos marcaram a paisagem mortuária daquela vila preparada para receber católicos. Os evangélico-reformados promoveram certa expressão fúnebre diferente daquela hegemônica católica de cemitérios implementada pelo Padroado Régio naquela região.

Palavras-chave: óbitos. Católico. Protestantes. Nova Friburgo.

Abstract

In 1819, from the imperial immigration policy, he agreed with the village of São João Batista de Nova Friburgo in the Sertões do Leste Fluminense, Swiss immigrants of mostly

¹ E-mail: ronald.lopes80@gmail.com

Catholic origin with an evangelical-reformed minority accompanied by Father Jacob Joyer. The purpose of this text is to analyze the village's death book between the years 1819 to 1824 and its developments that do not compete with evangelicals / pensioners. We will see that they were not foreseen by the immigrant project, but their graves and burials marked a mortuary landscape that was identified as a village prepared to receive Catholics. Reformed evangelicals promote a different expression than the Catholic hegemony of cemeteries implemented by the regional reference standard.

Keywords: deaths. Catholic. Protestants. Nova Friburgo.

Introdução:

No final do século XVIII e início do XIX, a vila de São João Batista de Nova Friburgo se localizava numa região chamada “Vale do Paraíba”, cujas terras são banhadas pelo Rio do Paraíba do Sul compreendendo parte do leste do estado de São Paulo e o oeste do Rio de Janeiro. Toda essa região foi palco de experiências e vivências de agentes históricos capazes de construir redes de relações e organizações institucionais que também mudaram a forma de como esses mesmos agentes constroem suas vivências (MUAZE, 2010, p. 295). Composta pelas áreas que hoje incluem grandes municípios atuais como: Teresópolis, Sapucaia, Nova Friburgo, Petrópolis, São Fidélis e Cantagalo, toda essa região era habitada por “índios brabos” e alguns quilombos (MUAZE, 2010, p. 102-107).

Já no início do século XIX, a política de imigração suíça de D. João VI se empenhou em interiorizar e fomentar a fixação legal de pessoas para consolidar o território brasileiro. Autorizada o estabelecimento de uma colônia nessa região por um decreto em 1818, cerca de cem famílias agrícolas foram previstas por contrato imperial e que vieram por uma companhia de Emigração dos cantões de Friburg, na Suíça.

D. João VI comprou a fazenda do Morro Queimado para transformá-la em freguesia que seria a futura vila de São João Batista de Nova Friburgo, que pertencia ao Distrito de Cantagalo com a finalidade de executar esse projeto político de imigração. A partir daí, foram edificadas, às pressas, 100 casas provisórias e uma infraestrutura mal acabada como pontes, quartéis, moinhos e outros, havendo o aproveitamento de ruínas antigas da referida fazenda. Foram também demarcados 100 lotes para cada família residentes nas casas. (MUAZE, 2010, p. 102-107)

O relevo geográfico dessa região para esse empreendimento era considerado muito complicado porque a mata era densa, havia muitas montanhas e clima frio. Essas condições não eram favoráveis para a agricultura, mas poderia servir de rota de escoamento dos produtos oriundos de Cantagalo e Minas Gerais, importante polo de produção econômico da região (MUAZE, 2010, p. 120). Desta maneira, a vila de São João Batista de Nova Friburgo se transformaria de fazenda pouco povoada à moderna rota urbana erguida pela escravidão; passando de lugar pouco explorado a centro econômico do Império (SALLES, 2008, p. 41-117; MUAZE, 2010, p.297)

Em 1820, Nova Friburgo foi decretada vila e sua administração luso-brasileira católica construiu relações mais estreitas com a corte e a capital do Império, portanto, obtendo maior autonomia política (FRIDMAN, 2011, p. 14). Além disso, a Constituição de 1824 legitimava as câmaras de vereadores como fonte de autoridade e, para elas, eram atribuídos o governo econômico e político de determinada região, entretanto a hegemonia do campo político também estava com os grandes proprietários rurais, em geral, luso-brasileiros católicos (FRIDMAN, 2011, p. 10).

Com a demanda de freguesias, houve a necessidade de enviar dois curas que vieram com a imigração suíça para os serviços religiosos na vila de Nova Friburgo: Monsenhor Joye e padre Abbey, mas o último acabou morrendo afogado quando se banhou no rio Macacu (NICOULIN, 1995, p. 263). A breve biografia do primeiro ajudamos a entender seu contexto, Jacques Joye foi ordenado padre em 14 de maio de 1812 ainda na Suíça e sete anos depois foi escolhido pelo bispo de Lausanne como sacerdote que tutelaria espiritualmente os suíços que imigrariam ao Brasil (FLUCK, 2013, p. 5).

A distância entre a freguesia de São João Batista de Nova Friburgo era muito grande e por isso o bispo de Niterói outorgou ao padre algumas responsabilidades espirituais pela portaria de 17 de abril de 1820. Sendo assim, Joye detinha autorização para vários serviços como: fazer todas as bênçãos reservadas que não necessitassem do uso dos óleos sagrados, absolver todos os casos reservados ao bispado, aplicar a indulgência plenária na hora da morte, estender o amparo da Desobriga da Quaresma até o Espírito Santo, habilitar os cônjuges impedidos e atuar como juiz de casamentos (FLUCK, 2013, p. 116).

Além disso, a organização social e eclesiástica dos imigrantes suíços ficou a cargo da interação entre Monsenhor Miranda, que estava na Corte no Rio de Janeiro, e de Monsenhor Joye, que estava na vila de Nova Friburgo. Interação essa que gerenciava

os serviços religiosos na vila, garantindo o cumprimento da Constituição de 1824 enquanto confessionalidade católica. Entretanto, por conta das políticas de imigração empreendidas por D. João VI, aconteceram imprevistos de modo que a religião *evangélico/reformada* dos Cantões Suíços também estava presente na vila de Nova Friburgo. Em meio a 1.631 indivíduos que chegaram as terras friburguenses, 190 eram de origem não católica, contrariando o contrato de imigração e a Constituição vigentes.

Para entender a expressão religiosa desse grupo é necessário esclarecer alguns termos. Segundo Dreher (2013, p. 35-37), os termos “*evangélico*” e “*protestante*” nem sempre foram sinônimos. Afirma que o termo “*protestante*” tem sua origem em um conflito político de 1529 em decorrência da segunda Dieta de Espira. Esta reunião do parlamento do Sacro Império Romano Germânico de maioria católica tentou impedir novas reformas e retificou algumas de anos anteriores, com destaque para inovações nas missas e suspensão da liberdade de os reis escolherem sua própria religião, já que alguns eram reformados. Alguns príncipes e cidades que não eram católicos e ligados à “nova fé” impetraram uma apelação em 19 de abril de 1529 pedindo reformulação daquele documento, juntamente com uma contestação oral e formal. Eles entendiam que havia liberdade individual de sua escolha religiosa advinda de uma fé reformada, apesar de serem governantes. A apelação foi aceita pelo parlamento e garantiu o uso do termo protestante para seus súditos e reis que tinham suas confissões religiosas oriundas da Reforma. Sendo assim, o autor alega que o termo “protestante” possui origem política, ou seja, uma classificação feita pelo parlamento católico da época sobre os adeptos da reforma com relação à liberdade individual de expressão, neste caso, religiosa (DREHER, 2013, p. 35-37).

Por outro lado, o conceito de “*evangélico*” possuía caráter doutrinário e normativo. Ainda segundo o autor, designava todo àquele que vivia de acordo com o Evangelho e tinha sua base de vivência da fé nos aspectos rígidos e doutrinários da Bíblia, ou seja, seus ritos religiosos não necessitavam de grande aparato litúrgico desde que fossem alinhavados aos textos bíblicos. Lutero se orientou por este argumento para utilizar o termo, já que “*luterano*” correspondia a certo relaxamento nos dogmas escriturísticos e por isso não foi bem aceito nem por ele, nem pelo seu grupo, apesar de todos serem reformados. Neste contexto, havia separação entre luteranos e evangélicos por parte do reformador Lutero. Com relação aos ritos, ele entendia também que a liturgia do sermão evangélico enquanto interpretação livre e atualização

do trecho bíblico tinha que expressar a liberdade de consciência de cada cristão. A eloquência do pregador dirigir-se-á consciência dos ouvintes, para poderem ouvir a Palavra interna e livremente, sem intermediações (KNOCH, 2003, pp. 35-51). Logo, no grupo dos evangélicos, o lugar da liberdade de expressão religiosa era aprofundado.

A partir do século XVII, os termos “*evangélico*” e “*reformado*” tornaram-se intercambiáveis. Nesse contexto, foram feitos vários acordos de paz que puseram fim às guerras religiosas entre Fernando III, Imperador Romano-Germânico e os demais príncipes germânicos, franceses e suecos (DREHER, 2013, p. 35-37). Estabeleceram princípios que caracterizavam o Estado Moderno como soberania, igualdade jurídica, territorialidade e a não intervenção. Nessas ideias, destaca-se o reconhecimento completo da independência da Suíça aonde já vinha ocorrendo aumento de várias confissões religiosas advindas da Reforma. Influenciados por essas várias confissões, dependendo dos cantões suíços, o termo *evangélico* foi utilizado por cristãos de tradição reformada para se referirem, dentre outros, ao luteranismo, ao swinglianismo, ao anabatismo e, principalmente, ao calvinismo. Portanto, fundiu-se o termo evangélico com reformado; logo, podemos entender que nem sempre os suíços eram calvinistas naquele contexto do século XVII, porque cada Cantão teve diferentes formas de aderência à tradição reformada. Portanto o termo evangélico-reformado englobou diferentes formas de manifestações cristãs não católicas e oriundas da tradição reformada, ainda que houvesse certa demarcação entre luteranos e evangélico-reformados (CAIRNS, 1990, p. 244-291).

No entanto, em 1817, o rei da Prússia Frederico Guilherme III tentou unir luteranos e evangélico-reformados por meio de um decreto. Ele era *calvinista*, governou entre 1797 a 1840 e casado com uma luterana, por isto, os dois não podiam comungar juntos. Esse foi um dos motivos que levou Frederico Guilherme III a promover união entre as Igrejas luterana e evangélico-reformados. A chamada “União Prussiana” estabelecia que os ritos religiosos estivessem em uma “Igreja Cristã Evangélica”. É por conta disso que o termo *evangélico* também começou a ser usado para designar uma Igreja unida (TRENTINI, 2003, p. 35-36). Com essa união, sua intenção também era de consolidação do poder do Estado dinástico. O imperador usou a união das confissões cristãs muito mais em proveito próprio para fortalecer o seu poder e o do Estado a fortalecer as Igrejas. A elaboração de um documento chamado Agenda Litúrgica foi parte do esforço feito pelo rei para concretizar esse fortalecimento advindo da união.

Agenda litúrgica para Igrejas Evangélicas da Prússia buscava abranger os ritos religiosos das duas confissões, tanto luteranos como evangélico-reformados e era utilizada em rituais cúlticos de enterro, casamento e batismo (TRENTINI, 2003, p. 35-45).

Portanto, aquele pequeno grupo de suíços cristãos não católicos presente na vila de Nova Friburgo poderia se ver como *evangélico-reformado* e não como “*protestante*”. Isso porque já se sabe que o grupo de suíços que imigraram para lá fez uma parada em Dordrecht, na Holanda e recebeu o apoio do pastor Merkus, ministro da igreja da Valônia, deixando-os frequentar seu templo. Uma vez se identificando com os serviços religiosos do pastor, o grupo pode expressar sua religiosidade individual. Mais adiante deste texto, trataremos de investigar o tipo de tradição religiosa instalada na Valônia, entretanto, é bom esclarecer que se trata de evangélico-reformados. Além disso, a utilização mais comum do termo protestante era praticamente de uso discursivo da Igreja Católica que saturou o termo como forma de separar politicamente vertentes cristãs como luteranos e evangélico-reformados.

Assim, podemos afirmar que a religião *evangélico-reformada* se fez presente em Nova Friburgo de forma não institucional, já que vieram submetidos à liderança de um padre e não conseguiram construir seu próprio templo. Entretanto, ao analisar o livro de óbitos da vila entre 1819 e 1824 verificamos que alguns assinaram documentos que renunciaram sua fé; e outros, permaneceriam em sua confessionalidade. Muitos realizaram a assinatura desse termo muito próximas à data de seus casamentos realizados por Joye. O que demonstra que suas ações estiveram mais ligadas aos ritos de matrimônio a enterramento. Significa também que havia certo grau de expressão religiosa protestante praticada na vila católica, mas que ainda não poderiam ser manifestadas plenamente naquele momento. Para que se demonstre esse grau recorreremos ao livro de óbito da Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo.

Análise do livro de óbitos de Nova Friburgo - 1819 a 1824

O livro de óbitos da Igreja Matriz apresenta três subdivisões: a primeira dedicada aos registros “dos defuntos colonos suíços mortos antes de chegar a bordo das embarcações” começa do dia 15 de julho de 1819 e se estende até o dia 25 de setembro do mesmo ano². Já a segunda parte é dedicada aos assentos de óbitos dos colonos que

² | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, pp. 30-40.

morreram abordo do navio onde se encontrava o padre Joye³. Depois, nesta mesma parte, há uma listagem em forma de tabela com nome, idade, origem, data de falecimento, navio e lugar de sepultamento ao longo da trajetória desses colonos até a vila de Nova Friburgo⁴. Essa relação se estende do dia 12 de setembro até 29 de novembro de 1819. Na terceira parte deste livro encontram-se os assentos da “Relação dos defuntos colonos suíços e outros moradores na Vila de Nova Friburgo”; essa relação começa no dia 16 de dezembro de 1819 e vai até 28 de fevereiro de 1889. Os imigrantes chegaram à vila de Nova Friburgo em 27 de dezembro de 1819, já havia registros de sepultamentos de pessoas que não faziam parte da imigração e chegaram antes desse momento, esse fato sugere que habitavam na vila luso-brasileiros, indígenas e afrodescendentes, incluindo escravos, que lá se instalaram quando da criação da vila em 1818.

Apesar de toda essa descrição do lugar de registro de sepultamento feita por padre Joye, é importante refletir que o livro de óbito, pelo menos nesse começo de dados, foi construído como um lugar de memória (NORA, 1993). Esse lugar é caracterizado por três sentidos que dão dimensão ao registro: a primeira é o sentido material, por seu conteúdo demográfico é claramente demonstrado que sob uma perspectiva quantitativa esses registros nos permitem operar com categorias de mortalidade, distribuição étnica e geográfica, etc (VIEIRA, 2015).

O segundo sentido é funcional, que pode garantir simultaneamente a cristalização da lembrança e sua transmissão. O referido sacerdote dota em sua narrativa de óbito um efeito de mito fundador de origem,⁵ pois se registra o dia da morte, o sobrenome, a idade, o local de sepultamento e sua filiação. Esse modo de escrita pode revelar modos de resolver tensões geradas pela situação da morte como, por exemplo, os que morreram nos navios e foram sepultados no mar, ou ainda, os que morreram deixando testamentos⁶.

O terceiro sentido é simbólico, em que um acontecimento ou experiência vivida por um pequeno número pode caracterizar uma maioria que dele não participou (VIEIRA,

³ Toda a documentação que se refere aos assentos de óbito que se encontram no mesmo livro na Igreja Matriz. p. 40-52. I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista

⁴ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 52-72.

⁵ Mito fundador é entendido aqui como um vínculo com um passado de origem, do qual não há nunca desvinculação e é sempre construído historicamente (GUESSE, 2011).

⁶ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30.

2015). Aplicando essa ideia aos registros do livro de óbito, o padre Joye não registrou da mesma forma os defuntos dos sete navios. Apenas os mortos relativos ao navio Urânia, onde ele estava embarcado, receberam uma forma de escrita cursiva descritiva e detalhada; enquanto os mortos dos outros navios foram relacionados em forma de tabela e fornecidos por informantes do Hospital Real de Macacú onde muitos suíços foram internados e faleceram⁷. Uma vez posto esse modo antropológico de enxergar o livro de óbito, podemos nos remeter à História desses imigrantes como a reconstrução daquilo que não existe mais, de forma “sempre problemática e incompleta” (NORA, 1993, p. 3). Isso significa que o livro de óbitos não é um mero registro daquilo que aconteceu ou uma massa de dados sem sentido, mas é um grito de denúncia do precário planejamento do governo para realizar tráfico humano.

Além disso, é possível verificar também que o padre Joye procurou anotar os óbitos ocorridos em cada navio durante a travessia e mesmo a caminho da vila de Nova Friburgo. Ele fazia essas anotações porque havia preocupação em prevenir problemas relativos à herança dos suíços. Ao que tudo indica no jornal *Diário Fluminense*, que mais se dedicou em divulgar essa primeira imigração, encontramos algumas notícias sobre o que acontecia com eles em caso de falecimento durante a viagem e posterior recebimento de herança⁸.

Ao reproduzir decisões da Secretaria de Estado de Negócios Estrangeiros, o jornal noticiava os casos dos católicos falecidos: Nicolas Grand e Marie Josette Gobet. Eles moravam em *Semsaes* no Cantão de *Friburg*, o primeiro morreu abordo do navio *Urânia* e a segunda em Macacu, portanto ambos não chegaram à vila de Nova Friburgo (BON, 2004, p. 495). O padre Joye emitiu um requerimento à Secretaria de Estado em dezembro de 1824 sobre as esposas de Antonie Thiemar e Jean Joseph Perrier serem ambas herdeiras católicas de Marie Josette Gobet, conforme declarado em testamento pela falecida ainda na Suíça. A Secretaria decidiu, então, que se retirasse do cofre da vila os espólios da falecida e lhes entregassem as legítimas herdeiras de acordo com o testamento⁹.

Por ora, não analisaremos os óbitos decorrentes dos navios nem a questão das heranças e testamentos, mas daremos ênfase à análise da terceira parte deste livro,

⁷ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, pp. 30-72.

⁸ Jornal Império do Brasil - Diário Fluminense 8 de Janeiro de 1825. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706744&pasta=ano%20182&pesq=Nova%20Friburgo>> Acesso em: 19/06/2018.

⁹ Jornal Império do Brasil. Id.

pois se registram nele os *evangélico-reformados* que chegaram, casaram, morreram e foram enterrados no cemitério da vila ou nos arredores de Nova Friburgo. Como no livro de óbitos existem outros lugares de sepultamento, a metodologia empregada permite construir tabelas para as seguintes categorias: locais de sepultamento, número de óbitos e filiação religiosa.

No que tange aos locais de sepultamento, o número de *evangélico-reformados* que permaneceram na colônia, entre dezembro de 1819 e maio de 1824, foi quantificado. O objetivo é observar se efetivamente foram todos enterrados no mesmo cemitério católico, ainda que alguns renunciassem a fé reformada, ou se foram sepultados em outro lugar permitindo realizar rituais que não fossem católicos. No total, foram contabilizados 283 assentos de óbitos registrados no livro pelo padre Joye ou por algum de seus representantes¹⁰.

TABELA 1
Registros de sepultamento do livro de óbitos da Igreja de São João Batista (1819-1824)

Locais de Sepultamento	Defuntos	%
Cemitério de São João Batista	242	85,51%
Oratório de Santo Antônio de Lisboa, em São José do Ribeirão	19	6,71%
Cemitério do Santíssimo Sacramento, em Cantagalo	15	5,29%
Outros locais da Freguesia de São João Batista	5	1,76%
Local desconhecido	2	0,70%
TOTAL	283	100,00%

FONTE: I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, pp. 30-72

Na **Tabela 1** acima, foram contabilizadas 15 registros do cemitério existente numa vila chamada Cantagalo e distribuídos da seguinte forma: 6 helvéticos e 6 luso-brasileiros, todos católicos. Através disso, entendemos que, mesmo moradores da Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo, os indivíduos eram sepultados no cemitério de Cantagalo¹¹.

Por isso havia trânsito cultural entre essas duas Freguesias que abrangia, neste

¹⁰ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p.35. Observa-se a mudança do padrão de letra a partir do ano de 1821.

¹¹ Ibid, p. 30-72.

caso, fúnebres já que alguns moradores da Freguesia de São João Batista eram sepultados em regiões da Freguesia de Cantagalo¹². É o caso, por exemplo, da católica Maria Julia Berceua, de 30 anos. Seu pai era o latifundiário luso-brasileiro Manoel José dos Santos e foi moradora da vila de Nova Friburgo. Ela faleceu no dia 6 de abril de 1822 e foi enterrada no “termo da Freguesia de Cantagalo”. Três dos quinze registros são do cemitério particular da fazenda do luso-brasileiro católico João Dutra localizado em algum lugar da Freguesia de Cantagalo. De fato, quando a historiadora fluminense Sheila de Castro Faria examinou as concessões de sesmarias “entre 1787 e 1822 houve 59 pedidos de demarcação de terras, 6 de confirmação, 7 de títulos e 177 solicitações nas Novas Minas de Cantagalo” (FARIA, 2018, p. 9-10). Isso significa que foi o café que permitiu a “manutenção de famílias bem aquinhoadas para essas regiões” cujas fazendas poderiam servir de locais de sepultamento.

Outros casos podem também confirmar a aproximação da vila de São João Batista de Nova Friburgo com outros locais. É o caso, por exemplo, de Joaquim D´Oliveira Alvares de 15 anos, que morreu no dia 23 de fevereiro de 1822 e foi sepultado no cemitério católico de São João Batista. Ele morava no Rio de Janeiro, seu pai se chamava Joaquim D´Oliveira e era Ministro e Secretário de Estado em São Paulo. Também é o caso de Antônio Rodrigues que morreu no dia 9 de fevereiro de 1821, era morador da Freguesia de São José do Ribeirão e acabou sendo enterrado no cemitério católico de lá. Todos os enterramentos, sepultamentos e necrópoles vistos até aqui eram católicos.

Por outro lado, com relação aos sepultamentos *evangélico-reformados*, encontramos João Jost, suíço, que morava na casa destinada para tal na vila de São João Batista de Nova Friburgo. Solteiro, veio de Lucerna quando faleceu aos 20 anos no dia 29 de dezembro de 1821 e foi “sepultado em Cantagalo”. Esse registro é um indicativo de que alguns *evangélico/reformados* foram em direção à Cantagalo e morreram por lá. Não sabemos ainda se houve assinatura do termo que renunciava sua própria fé, mas já é possível entender a capilaridade de não católicos no interior dos Sertões do Leste¹³.

O segundo local de sepultamento que consta no livro de óbito se refere ao Oratório de Santo Antônio de Lisboa localizado em São José do Ribeirão. Até 1824, mais

¹² | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p.35.

¹³ | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

três oratórios foram erguidos na região de Nova Friburgo, a saber: um em Ribeirão de Sebastiana, com o nome de Nossa Senhora da Conceição; e mais dois citados nos registros de batismo da Vila, com os nomes de “Oratório do Campo da Graça”, na Fazenda São Domingos; e o Oratório de Custódio de Souza Guimarães (ARAÚJO; MAYER, 1997, p. 117). Sem contar com o Oratório de São João Batista na varanda do *Chateau de Roi* onde também era a sede da supervisão e administração da colônia. No total foram cinco Oratórios na vila até 1824.

No oratório de Santo Antônio de Lisboa em São José do Ribeirão foram enterrados 19 corpos: a maioria eram escravos cujos donos eram luso-brasileiros ou ex-escravos que moravam na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo. Alguns deles foram enterrados sem sacramento por “não dar tempo de chamar o padre” como é o caso dos escravos alforriados: Feliciano Crioulo em 1823 e Germana Crioula em 1824.

Tudo isso demonstra que havia um trânsito fúnebre considerável entre as diferentes vilas e regiões no interior dos Sertões do Macacu estabelecendo uma dinâmica interna de enterramentos. O que ocorria pelo fato da região ter se estabelecido como área produtora de alimentos, paralelamente ou mesmo um pouco antes de os imigrantes chegarem. Esse trânsito era permeado pela preocupação constante do pároco Joye, ou seu representante Rodrigo Vahia, do controle dos registros de batismo, óbito e casamento¹⁴.

Uma vez produzida essa demanda de registros, padre Joye tinha a função de enviá-las a um funcionário do império na capital, como Monsenhor Miranda. Encontramos vários documentos que eram trazidos e levados pelo estafeta, Francisco Salles, funcionário indicado por Miranda para ser seu assessor¹⁵. No que se referem aos óbitos dessa vila, os registros não se encontram ordenados por data. Oficialmente, não se esperava que viessem *evangélico-reformados* na leva de suíços a ponto de não se ter previsto espaço específico para seus cultos. É fato que os assentos foram confeccionados no dia do sepultamento ou vários dias depois, se reportando sempre ao dia em que aconteceu o falecimento. Ao que parece, a informação que chegava ao padre sobre o falecimento de algum morador da vila poderia demorar vários dias depois do falecimento¹⁶. Muitas das vezes o padre responsável não estava presente na hora do

¹⁴ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

¹⁵ Fundação Dom João VI, Cx5, documento 1407, Cx4 documento 1105, Cx2 documento 354, Cx 1 documento 320.

¹⁶ I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

falecimento ou muito distante do lugar em que foi enterrado o cadáver, inviabilizando, muita das vezes, o rito fúnebre católico oficial¹⁷.

Passando para o próximo item chamado por mim de “Outros locais da Freguesia de São João Batista” cinco assentos foram encontrados, dois deles mencionam o “cemitério de João Dutra da Costa” que era luso-brasileiro e por isso me indicam que havia defuntos católicos, entretanto não me apontam onde se localizava este cemitério. Também é o caso, por exemplo, de Isabel Streitt de onze anos, natural de Berna na Suíça, que faleceu no dia 28 de março de 1822, “protestante suíça” e que “foi sepultada na sua terra”. Esse último registro é importante porque indica que os *evangélico-reformados* também foram enterrados em seu próprio lote de terra dentro dos limites da freguesia. Isso significa que nem sempre eles foram obrigados a renunciar de sua fé para serem enterrados em cemitério católico, se é que desejavam sepultura eclesiástica, já que muitos poderiam ter renunciado sua fé para realização de seus casamentos antes de sua morte. Suas representações da morte e do morrer não necessariamente estariam ligadas à alguma necrópole institucionalizada mediada por ritos oficiais, mas nos modos como ocorreram seus sepultamentos! Além disso, em seus países de origem os rituais fúnebres de suas agendas litúrgicas de sepultamento tinham a preocupação mais com relação ao consolo dos vivos “tendo a certeza da salvação da alma do falecido” a ritualização do morto (ROTAR; TEODORESCO; ROTAR, 2014, p.121-123).

Outro exemplo da imprevisibilidade da morte e da pluralidade dos modos de sepultamento que independe da confessionalidade cristã é o quinto registro da categoria “Outros locais da Freguesia de São João Batista”. O católico João Pedro Segurier, um dos assentos mais longos e intensos do livro no qual se diz que ele foi encontrado morto no dia 16 de junho de 1823. “Faleceu desgraçadamente debaixo de um pau, onde foi achado, como consta do auto judicial” ele era natural da França e morador da vila de Nova Friburgo. Foi sepultado em “frente à sua casa”, pois não poderia conduzi-lo à parte alguma, de acordo com o Juiz Ordinário “por estar há três dias morto e sendo em estado avançado de oxidação”. O referido juiz já tinha enviado um ofício ao padre em primeiro de junho de 1823 avisando-lhe do ocorrido, ou seja, o padre não estava presente na hora da morte do francês e só recebeu o aviso de sua morte quinze dias depois¹⁸. É

¹⁷ | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

¹⁸ | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

provável que João fosse enterrado com rito fúnebre próprio, pois não há informações precisas para classificar o rito como *evangélico-reformado* ou católico.

Para finalizar, último item de registros da **Tabela 1** chamada por mim de “Locais Desconhecidos” foram citados dois defuntos em dois lugares, porém não encontramos informações exatas, apenas sabemos que esses locais ainda estão dentro dos limites da Freguesia. A título de exemplo para esse artigo um assento diz: “protestante colono suíço e foi sepultado nesta Villa” (não há registro exato desse local). Mais uma vez aqui constatamos que alguns *evangélico-reformados* buscavam seus próprios modos de serem sepultados mediante os ritos protestantes fúnebres ou foram enterrados em sua própria terra. Esse último assento é do *evangélico-reformado* João Luiz Peuel faleceu viúvo aos 50 anos no dia 23 de novembro de 1821 e era do Cantão de Vaud.

Essas condições que foram encontradas pelos *evangélico-reformados* foram circunscritas também por ações de constrangimento, já que o único lugar de enterramento permitido pelo governo era ao lado do cemitério católico, espaço destinado aos considerados pecadores. O caso de João Luiz Peuel sepultado nos “termos desta vila” ilustra bem a questão de que sem encontrar lugar para realizar inumações ou por medo de que os parentes vivos pudessem passar por situações constrangedoras.

Portanto, apenas dois *evangélico-reformados* (que não se encontram nos documentos de renúncia à fé protestante) deixaram de ser enterrados no cemitério de São João Batista da vila de Nova Friburgo, para o ser em sua própria terra¹⁹.

Todos os assentos até aqui analisados pertencem a outros locais de sepultamento que não se referiam ao cemitério católico da vila. Sendo assim, o item da referida tabela construída a partir do livro de óbitos é o cemitério de São João Batista. Nele vamos encontrar a maioria dos suíços que vieram para colonizar a vila. Para tanto, nesse livro de óbito foram detectadas e coletadas as seguintes expressões: “Cemitério d’ esta freguesia”, “Cemitério d’ esta vila”, “Cemitério d’ esta vila e freguesia”, “Cemitério d’ esta freguesia e vila” e “sepultado nesta vila”. Todas elas significam a mesma coisa: que os corpos foram enterrados no mesmo cemitério católico localizado no centro urbano da vila²⁰. A prova disso é que em outros locais de sepultamento em que eram registrados os assentos necessariamente fazia constar o lugar do enterramento, excluindo; obviamente, os quatro locais (sejam católicos ou evangélico-

¹⁹ | Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

²⁰ Id.

reformado) que não foram registrados em sua precisão, mesmo sabendo que pertencem ao termo da Freguesia de São João Batista. Sendo assim, posso interpretar que todas aquelas expressões são do mesmo cemitério²¹.

A fim de encontrar *evangélico/reformados* que assinaram um termo de renúncia à fé protestante enterrados no cemitério em questão é preciso começar a analisar os 242 registros entre dezembro de 1819 a maio de 1824 conforme tabela abaixo, identificando primeiro quais seriam os suíços:

TABELA 2

Número de enterramentos por origem do Cemitério de São João Batista (1819 a 1824)

Origem	Quantidade	%
Helvético-brasileiros	177	73,14%
Afrodescendentes	41	16,94%
Luso-brasileiros	22	9,10%
Franco-brasileiro	1	0,41%
Sem registro	1	0.41%
TOTAL	242	100,00%

FONTE: I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista

A **Tabela 2** acima mostra uma quantidade significativa de imigrantes suíços enterrados e isso se deveu a alguns fatores: moléstias e acidentes faziam parte do cotidiano desses recém-chegados à vila. É bem verdade que o Inspetor Miranda com o intuito de embelezar e sanear o lugar impôs trabalhos forçados aos suíços (BON, 2004, p. 495). Um mês após a chegada desses imigrantes, 42 morreram ao iniciar o trabalho no campo, as causas da morte variavam desde diarreia, em decorrência das águas insalubres, até quedas de árvores, derrubadas pelos próprios suíços para abrir caminhos para construção de estradas em meio à mata fechada. Um exemplo dessa agonia é o caso do católico Benjamin Volluz que partiu uma perna e rompeu o baixo ventre. De forma mais contundente, declara João Bazet: “Se retirássemos da vida desses homens os capítulos de suas misérias, dela não restaria quase nada” (BON, 2004, p. 495).

Outro fator significativo é que muitos já estavam doentes quando chegaram à

²¹ Id.

Nova Friburgo. Antes de os navios embarcarem para o Rio de Janeiro, na parada em Dordrecht houve uma epidemia de tifo e muitos chegaram à Nova Friburgo agonizando e vindo a óbito (JACCOUD, 2007, p. 102- 192). É o caso do suíço Frederic Burnie *evangélico-reformado* que renunciou sua fé em prol do catolicismo, de 23 anos, que faleceu no dia 23 de janeiro de 1820. O padre Joye assinalou em seu livro de óbito “febre tifóide” como a causa da morte²².

Do ponto de vista étnico, a partir da origem desses povos podemos dizer que o cemitério da vila tem certa pluralidade étnica oriundas de vários lugares de dentro e de fora da América Portuguesa. Entretanto, do ponto de vista religioso, a tabela abaixo mostra o perfil mortuário dos 177 sepultados imigrantes suíços de ambas as filiações. Sabe-se que a maioria era católica de fato, constando em 161 indivíduos²³. Assim, essa quantidade significativa de indivíduos prova que o cemitério da vila era católico administrado por um padre que adotava as cerimônias fúnebres oficiais de sua confissão por ocasião da morte dos seus fregueses, inclusive fazendo apenas testamentos católicos²⁴. Mas são os enterros de suíços *evangélico-reformados* que renunciaram sua fé protestante em prol do catolicismo que impulsionam a observação neste cemitério. Na **Tabela 3** abaixo, sabe-se que 16 indivíduos desta confissão foram sepultados assinalando um termo que renunciava sua fé protestante²⁵.

TABELA 3
Suíços enterrados pela filiação religiosa entre 1819 e 1824

Filiação Religiosa	Quantidade	%
Católicos	161	90,96%
<i>Evangélico/reformados abjurados</i>	16	9,04%
TOTAL	177	100,00%

FONTE: I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, pp. 30-72.

Como foi visto, os *evangélico-reformados* parecem ter tido o desejo de se casar, ao mesmo tempo em que foram pressionados pelas autoridades a renunciarem sua fé protestante, ou seja, assinou-se um termo chamado de abjuração.

Assim, os 16 indivíduos sepultados são divididos em dois grupos: os que abjuraram e os

²² I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, p. 30-72.

²³ Id.

²⁴ Id.

²⁵ Id.

que o recusaram a fazê-lo, independentemente de qualquer motivação ou do momento da morte (BON, 2004, p. 200). Para confirmar essa hipótese, coloquei em uma tabela todos os assentos encontrados no recorte proposto no livro de óbitos produzido pelo padre. Depois, com o auxílio da obra do autor Henrique Bom (2004, p. 200) separei-os em outra lista²⁶. Nela estava circunscrito todos os *evangélico-reformados*, tanto os que se converteram ao catolicismo quanto os que permaneceram na sua confissão protestante. Após isso, ainda com ajuda da referida obra, analisei cada caso cruzando-os com a lista de *evangélico-reformados* que assinaram o termo de abjuração produzida por Joye. Depois de todo esse processo, construí uma segunda lista de nomes que não encontrei na lista de abjurações do padre, mas que estavam no livro de óbito daquele período. Mediante essa metodologia e o resultado advindo daí é bem provável que esses nomes que apareceram na minha segunda lista eram de *evangélico-reformados* que não abjuraram.

Na segunda lista que produzi apareceram nomes como foram os casos dos suíços *evangélico-reformados* João Luiz Peuel e também Jean Pierre Delacroix que morreu de tifo, todos eles constam no livro de óbitos do padre Joye (BON, 2004, p. 433). Mediante a isso, mesmo de acordo com a segunda lista que produzi mencionada com o quantitativo de *evangélico-reformados* que poderiam ter sido enterrados sem abjuração e que constam no livro de óbitos do padre Joye, não posso afirmar que o cemitério é misto ou sincrético.

Nesse momento, é preciso ter cuidado com as afirmações decorrentes do resultado da análise desses documentos e fazer algumas ponderações. Primeiro, caso o padre tenha procedido desta forma, ele estaria sujeito às sanções por parte das autoridades eclesiásticas, pois não era permitido enterrar *acatólicos* em cemitério bento. Assim como foi o caso da esposa do General Böhm, organizador do primeiro exército brasileiro. Ele era casado com Agnes Judith Sibylla de Dinklage e ambos eram *evangélico-luteranos*. O general tinha deixado ela doente no hospital do Rio de Janeiro durante sua liderança nas guerras do Sul do Império. Quando Agnes faleceu por volta de 1774 não houve lugar para ela no cemitério católico daquela região²⁷. Anos mais tarde,

²⁶ Tive o cuidado de checar na lista da página 60 e 61 os nomes arrolados como abjurados pelo pesquisador Armindo Müller na obra *O começo do Protestantismo no Brasil: descrição da instalação da 1ª. Comunidade luterana no Brasil*, Rio de Janeiro: Edições Estadunidenses, 2003.

²⁷ A referência à morte da esposa se encontra no relato do pastor F. L. Langstedt, que esteve no Rio de Janeiro em 1781, e que no ano de 1789 editou uma obra em Hildesheim. OBERACKER Jr., Carlos H. *João Henrique Böhm - Fundador do primeiro exército brasileiro*. pp. 354-360. Disponível em:

Böhm sofreu uma queda de cavalo em 14 de julho de 1782 que o levou à iminência da morte. Diferentemente de sua esposa, ele se converteu ao catolicismo para obter sepultura eclesiástica. Tanto a conversão como o restabelecimento inesperado da saúde foram comemorados com *Te Deum*²⁸ e celebração de missas no que mobilizou uma parte considerável da população do Rio de Janeiro. Um ano mais tarde, em 22 de dezembro de 1783, o General Böhm foi sepultado no Convento de Santo Antônio na mesma cidade.

A segunda ponderação sobre esse espaço mortuário é que esses elementos expostos podem dizer a respeito tanto a processos observáveis nos registros de óbito, como também no comportamento de padres ou seus representantes em não registrar suas práticas em documentos de forma explícita. Não seria razoável se o padre registrasse aqueles sepultamentos no livro de óbitos dizendo que os *evangélico-reformados* não estavam abjurados ou deixassem alguns vestígios de ilegitimidades de suas ações. Caso isso ocorresse, haveria produção de provas que denunciariam suas irregularidades mesmo decorrentes do modo imprevisível dos acontecimentos e o padre poderia ser acusado de irresponsabilidades.

E ainda, é importante que se tenha uma última ponderação para que sejamos cuidadosos em não afirmar que os sepultamentos de *evangélico-reformados* teriam compartilhado do mesmo espaço mortuário com os católicos, transformando-o em misto. Essa ponderação é sintetizada na ideia de que, na prática, a convivência entre a maioria católica e a minoria *evangélica-reformada* nas terras friburguenses, no limite, não significava um controle absoluto por parte do aparato católico sobre os *evangélico-reformados* enquanto estavam vivos, como por exemplo, nem todos assinaram o termo de abjuração. Mediante essa argumentação, temos a possibilidade de conjecturar que o escape ao controle rígido pode ter se estendido às práticas de sepultamentos manifestados nos ritos fúnebres evangélicos em outras regiões da localidade, mas não no cemitério disponível daquela região urbana da vila.

Ainda que todos esses imigrantes fossem suíços de duas matrizes religiosas cristãs diferentes, isso não significa uma fusão fúnebre, incluindo os sepultamentos (CANCLINI, 2015, p. 20). Dizemos isso porque ao observar outros casos de cemitérios controlados pelo catolicismo na primeira metade do século XIX inferimos que poderia haver algum tipo de distinção no espaço cemiterial para cadáveres católicos e

<<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/107500/105905>> Acessado em: 15/06/2018.
²⁸ É uma espécie de hino cristão usado na liturgia católica. Também é usado em eventos solenes de ações de graça (GUTJAHR; HOLLER, 2013, pp. 67-77).

evangélico-reformados abjurados. Segundo o historiador Martin Dreher (1993, p. 121), quando da chegada dos primeiros germânicos não católicos ao Rio de Janeiro, perguntou-se ao bispo se seria possível “desbenzer parte do cemitério para que nela fossem sepultados protestantes e judeus”. Comentando sobre as vilas dos imigrantes no Sul do Império na busca por um rearranjo da vida religiosa, ele escreve que as principais instituições como Igreja e escola eram o centro da vida pública daquelas vilas. Ao lado dessas instituições se encontravam os cemitérios, uma vez que o catolicismo era a religião do Estado e como as autoridades se recusaram a desbenzer parte do campo santo para enterramento de *acatólicos*, então, os protestantes tiveram que construir seus próprios cemitérios ou inventar suas próprias covas, já que em seus ritos fúnebres constava certa liberdade de crença na pós-morte (DREHER, 1993, p. 121)

Após essa discussão sobre cemitério disponível na vila de Nova Friburgo, percebemos que se faz necessária a demonstração da origem desses *evangélico-reformados abjurados* sepultados. É importante essa verificação porque como já foi mencionado no início deste texto, se sabe que os suíços que se organizaram em Dordrecht na Holanda receberam o apoio de um pastor, ministro da igreja de Valônia, chamado Merkus, deixando-os frequentar seu templo. Sabe-se também que os *evangélico-reformados* que vieram para a vila tinham parte da tradição religiosa reformada da região da Valônia, já que houve certa identificação com o pastor. Mediante a isso, podemos investigar em que medida e que tipo de tradição religiosa reformada se instalou na região da Valônia na primeira metade do século XIX.

Aquela região foi bastante frequentada pela presença de huguenotes expressiva desde o século XVI (BATISTA, 2014). Huguenotes é a denominação dada aos evangélico-reformados franceses, geralmente calvinistas, pelos seus inimigos políticos nos séculos XVI e XVII. O antagonismo entre católicos e protestantes resultou nas guerras religiosas, que dilaceraram a França do século XVI. Porém, nos séculos subsequentes houve um rearranjo de confissões protestantes nessa região. Um desses rearranjos foi a Confissão de Fé Menonita²⁹ realizada em Dordrecht durante a Conferência Holandesa que juntou

²⁹ Menonita é um grupo de denominações cristãs que descende diretamente do movimento anabatista que surgiu na Europa no século XVI, na mesma época da Reforma Protestante (MENDONÇA, 1984, p. 21).

a Confissão de Heidelberg³⁰ com a Confissão da fé de Westminster³¹ no final do século XVII.

Por outro lado, os suíços católicos liderados pelo padre Joye são oriundos de diferentes partes da Suíça (BON, 2004, p. 566). Lá a vida religiosa era regulada pelos Cantões, separadamente, exceto a partir de 1874 quando a constituição federal daquele recente país garantiu plena liberdade de culto. Antes disso, cada Cantão tinha sua própria forma de administrar seu templo e cultos católicos. Entretanto, quando esses imigrantes chegaram à vila de São João Batista já se depararam com toda uma estrutura física pronta criada para seu funcionamento de acordo com a política de Padroado Régio garantido pelo Estado Imperial (GOMES, 1997)

Esse antagonismo entre católicos e *evangélico-reformados* na vila de Nova Friburgo no início do século XIX, leva-nos a discutir sobre a expressão da liberdade religiosa dentro do aspecto da filosofia política que, desde o século XVI, estava questionando as estruturas do Estado absolutista. O sistema absolutista na Europa surgiu como reação específica às guerras civis religiosas do século XVI. A resposta a isso foi sintetizada numa ação política racionalizada, já que tanto a moral dos grupos religiosos não deu conta das novas demandas institucionais. Tentando se separar das influências religiosas, o rei considerava agora os súditos diretamente ligados a ele, sem a intermediação de ordens ou partidos. A responsabilidade política ficava a cargo do soberano que burocratizava as demandas, relegando convicções religiosas e políticas à esfera privada. (KOSELLECK, 1999, p. 20)

Configurado esse panorama, podemos dizer que a política foi afastada da moralidade expressando na “razão de Estado” o seu arcabouço doutrinal, ou seja, não há imputação da culpa nas ações do soberano. Por outro lado, sua responsabilidade política frente aos súditos obriga-o a agir de forma mais prevista e calculada possível. Segundo o historiador alemão Reinhart Koselleck (1999, p. 30), a política se tornou racional e esquematizada a exemplo do paradigma da obra de Thomas Hobbes que é a “gênese da moderna teoria do Estado a partir da situação das guerras civis religiosas”.

³⁰ O Catecismo de Heidelberg, pertencente às Igrejas Reformadas, foi escrito em Heidelberg a pedido de Frederico III, entre 1559 e 1576, no Palatinado. Esse príncipe comissionou Zacarias Ursinus, professor de Teologia da Universidade de Heidelberg, e Gaspar Olevianus, pregador de sua corte, para que preparassem um catecismo para instruir jovens, guiar pastores e mestres. Contou também com a cooperação de todo o corpo docente de Teologia de 1563 (BRASIL, 2016).

³¹ Essa confissão foi um dos documentos aprovados pela Assembleia de Westminster (1643-1649), convocada pelo Parlamento inglês para elaborar novos padrões doutrinários, litúrgicos e administrativos para a Igreja da Inglaterra. (LATOURETTE, 2007)

O autor alega que Hobbes encontrou as causas da paz e da guerra em uma espécie de “direito natural racional” que se universaliza através da fundação de uma antropologia individualista. Afasta-se da tradição, porque o homem não consegue alcançar a paz, embora a deseje. Temos, então, a separação da intenção da consciência e da ação das religiões particulares. A consciência não materializada se torna fonte da irracionalidade e incapaz de discernir moralmente as ações individuais. Logo, os grupos religiosos que pregam a paz e a igualdade, por agir em suas próprias consciências não materializadas, apenas provocam conflitos. Por outro lado, o desejo de paz precisa de uma garantia para ser cumprido, mesmo que parcialmente. Segundo Koseleck (1999, p. 31), Hobbes está dizendo que essa garantia é a função da filosofia moral que produz uma espécie de lei e esta, por sua vez, interfere nas relações conflituosas no intuito de apaziguá-las. Por isso, esta filosofia é a única que tem a possibilidade de legitimar o Estado absolutista e sua estrutura política em detrimento da religião.

A garantia produzida pela filosofia moral através da razão no sentido de evitar a guerra passa a ser politizada. Desta maneira, segundo Koseleck, Hobbes está dizendo que o conteúdo das leis (seja moral ou religiosa) não é relevante, mas sim sua capacidade de preservar e garantir a paz. No caso da vila católica de Nova Friburgo com a inserção de *evangélico-reformados* sem autoridade legitimada e institucionalizada no interior de um sistema político católico, as abjurações em forma de lei garantiriam certa estabilidade entre os dois grupos, não gerando conflitos abertos e reproduzindo estruturas institucionais hegemônicas como o cemitério católico da vila. Por outro lado, os novos súditos *evangélico-reformados* também poderiam estar exercendo a racionalidade individual e a liberdade de consciência, uma vez que a entendiam em duas partes: uma parte era livre e privada no que compete à moral e religião; a outra parte, pública, em que, como súdito e cidadão, era subordinado ao Padroado Régio. Portanto, é no primeiro aspecto que se deu o manejo da liberdade de expressão religiosa protestante na vila de São João Batista de Nova Friburgo.

Considerações finais

Para finalizar este texto, vimos que a dinâmica da região se modificou desde quando a vila de São João Batista de Nova Friburgo foi criada. Entre 1818 a 1824 a vila demandou muitas organizações e práticas que coadunavam com as necessidades dos

povos que se assentaram naquelas terras. Haja vista que a região recebeu naquele momento imigrações europeias de diferentes religiões inserindo-as em outras populações já estabelecidas.

Ao focar minhas observações nesses imigrantes e no recorte proposto, vimos que os suíços praticavam duas diferentes matrizes religiosas cristãs. Havia 1.631 indivíduos, e dentre eles, 190 protestantes que se viam como *evangélico-reformados* e chegaram às terras friburguenses no intuito de estabelecer uma colônia agrícola. Como os suíços católicos eram a maioria e a estrutura administrativa da vila era alinhada com a política de Padroado Régio, os católicos ganharam ainda mais poder para formarem um grupo hegemônico e pressionarem os *protestantes* a se converterem através da assinatura dos termos que renunciavam a fé deles chamado de abjurações.

No entanto, os óbitos foram privilegiados nas observações para mostrar que para além de não converter todos os protestantes, o cemitério disponível na época destinado estritamente aos católicos até então, também abrigou *evangélico-reformados abjurados*. Também foi possível perceber a complexidade dos enterramentos e sepultamentos registrados pelo padre Joye durante o período estudado, resguardando as devidas considerações expostas neste texto.

A conclusão deste trabalho leva-nos a dizer que se tratava de um cemitério que teria sepultado tanto católicos como *evangélico-reformados abjurados* quando a maioria deles morreu após seus casamentos. Além disso, a dinâmica de enterramentos na vila se alterou quando *evangélico-reformados* foram sepultados em seus próprios lotes de terra ou em suas casas em algum lugar nos termos da freguesia, inventando novas maneiras de morrer em suas próprias covas estabelecendo, assim, certa liberdade de expressão religiosa fúnebre diferente do sistema hegemônico católico.

Referências

- ARAÚJO, R. J.; MAYER, M. J. (Orgs.). **Teia Serrana: Formação Histórica de Nova Friburgo**. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro técnico, 1999, p.117.
- BATISTA, Mariana Dantas. Presbiterium: o predicante Vicente Soler e a missão calvinista no Brasil Holandês. **Dissertação de Mestrado em História Social**. Rio de Janeiro: UFF. 2014.
- BON, Henrique. **Imigrantes - A saga do Primeiro Movimento Migratório Organizado rumo ao Brasil às portas da Independência**. Ed. Imagem Virtual, 2004, p. 495.
- CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos, uma história da igreja cristã**. São Paulo, Vida Nova. 1990. pp. 244-291.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp. 2015.

DREHER, M. N. **Protestantes-Evangélicos: buscando entender.** In: DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo Portella (Orgs.). **Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais. História, Teologias, Igrejas e Perspectivas.** São Paulo: Fonte Editorial Ltda, 2013.

DREHER, Martin. **Imigrações e História da igreja no Brasil.** São Paulo: Santuário, 1993.

FARIA, Sheila de Castro. **Ouro, porcos, escravos e café: as origens das fortunas oitocentistas em São Pedro de Cantagalo, Rio de Janeiro (últimas décadas do século XVIII e primeiras do XIX).** **Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, vol. 26, 2018, pp. 9-10.**

FLUCK, R, Marlon. **A abertura dos portos brasileiros e a implantação do protestantismo permanente no Brasil: as versões contraditórias sobre o seu primeiro pastor.** **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá, V, n.15, jan/2013. p. 5.

PEDRO, J. C. **A Igreja Católica: Fé e Poder na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo.** p.115

FRIDMAN, Fania. **Cartografia fluminense no Brasil Imperial.** In: **I Simpósio de Cartografia Histórica, 2011.** Paraty, p. 14.

GOMES, F. J. S. **De súdito a cidadão: os católicos no império e na república.** In: **Anais do XIX Simpósio Nacional de História - ANPUH.** Belo Horizonte, junho 1997.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Da Oralidade à escrita: os Mitos e a Literatura indígena no Brasil.** **Anais do SILEL. Volume 2, Número 2.** Uberlândia: EDUFU, 2011.

GUTJAHR, S.; HOLLER, M. **Um Te Deum em Desterro no Século XIX.** **Revista Música Hodie,** Goiânia, V.13 - n.2, 2013, pp. 67-77

JACCOUD, Rafael. **História, contos e lendas de Nova Friburgo.** Edição independente, 2007, p. 102- 292.

KARASTOJANOV, Andrea Maria Souto. **Vir, Viver e talvez morrer em Campinas: um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana, durante o II Império.** 1998. **Dissertação (mestrado)** - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.bv.fapesp.br/pt/publicacao/74183//>>. Acessado em: 15/06/2018.

KNOCH, Michael. **Da Liberdade Cristã: Um Ensaio sobre a Reforma de Lutero.** **Interacções,** número 5. 2003, p. 35-51.

KOSELLECK, R. **Crítica e Crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês.** Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999. p. 20

MATOS, Alderi Souza de. **O Cemitério dos Protestantes de São Paulo: Repouso dos Pioneiros Presbiterianos.** In: **Portal da Igreja Presbiteriana no Brasil.**

MENDONÇA, Antonio Govêa. **O celeste porvir. A Inserção do Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Paulinas, 1984. p. 21.

MUAZE, Mariana. **O Vale do Paraíba Fluminense e a dinâmica Imperial.** 2010. p. 295. Disponível em:

<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wpcontent/uploads/2010/12/15_mariana_muaze.pdf > Acessado em: 25/03/2019.

NICOULIN, Martin. **A gênese de Nova Friburgo: Emigração e colonização suíça no Brasil (1817-1827).** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995. p.263.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** Projeto História; **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP,** São Paulo, n.10, dez. 1993

OBERACKER Jr., Carlos H. **João Henrique Böhm. Fundador do primeiro exército brasileiro.** p. 354-360.

Disponível

em:

<<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/107500/105905>>

Acessado em: 15/06/2018.

ROTAR, Marius; TEODORESCO, Adriana; ROTAR, Corina. **Dying and Death in 18th-21st Century Europe: Volume 2**. Cambridge Scholar Publishing. 2014. pp. 121 -123.

SALLES, Ricardo. **E o Vale era o escravo. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008. pp. 41-117.

TEIXEIRA, Mateus Barradas. **Conflitos em torno da instalação dos protestantes luteranos no Brasil do século XIX: O Caso de Nova Friburgo (1824 - 1864) Trabalho monográfico**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

TRENTINI, Márcio Arthur. **A Liturgia Luterana: de Lutero até o século XIX. Dissertação de mestrado**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003. pp. 35-36.

VIEIRA, Ítala Maduell. **A memória em Maurice Halbwachs, Pierre Nora e Michael Pollak Esboço de artigo submetido ao Simpósio Temático “História, memória e ética: perspectivas transdisciplinares” do XI Encontro Regional Sudeste de História Oral. Versão preliminar, não considerar para os anais do encontro. Disponível em: http://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1429129701_ARQUIVO_Memoria_Itala_Maduell.pdf. Acessado em: 20/11/2016.**

Fontes Primárias

I Livro de óbitos. Igreja Matriz: Primeiro Livro de óbito da Igreja Matriz de São João Batista, pp. 30-40.

Jornal Império do Brasil - Diário Fluminense 8 de Janeiro de 1825. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706744&pasta=ano%20182&pesq=Nova%20Friburgo>> Acesso em: 19/06/2018.

Fundação Dom João VI, Cx 1 documento 320, Cx 2 documento 354, Cx 4 documento 1105, Cx 5, documento 1407, 1580, Cx 8 documento 2162.

Recebido: 07 jun2019

Aceito: 22 fev 2020